

SOBRE ALGUMAS QUESTÕES DA INTERLINGÜÍSTICA ENTREVISTA COM ANDRÉ MARTINET

Em homenagem ao aniversário de 85 anos de André Martinet

INTRODUÇÃO

André Martinet marcou substancialmente a história da lingüística, sobretudo na França, e a da interlingüística, com uma obra de mais de 20 livros e mais de 400 artigos, traduzidos para uma vintena de línguas (v. a nota bibliográfica 7).

André Martinet nasceu em uma aldeia da Savóia, a 12 de abril de 1908: “Embora eu não fosse propriamente bilingüe, como minha mãe, vivia num mundo onde todo objeto tinha dois nomes” (9). Talvez daí procedesse sua atração infantil por constatações lingüísticas e fonológicas, pela observação da pertinência comunicativa (*pertinence communicative*), que se concretizou após um contato com Otto Jespersen: preparando uma agregação sobre a língua inglesa, André Martinet traduziu para o francês (1928) sua obra *Language*, interessando-se, ao mesmo tempo, pela interlingüística, e substituindo Jespersen nas reuniões da nascente IALA (*International Auxiliary Language Association*).

Àquele tempo, a lingüística francesa concentrava-se em torno do eminente filólogo Antoine Meillet, que orientou André Martinet em uma dissertação fonológica sobre as línguas germânicas (1937). Mas os princípios estruturalistas de Ferdinand de Saussure não haviam se enraizado o suficiente na França. Assim, André Martinet, amparado pela Escola de Praga (entre outros, por Roman Jakobson), tornou-se um pioneiro francês desta moderna lingüística: seu ensinamento marcou toda uma geração de lingüistas. Ele precisou seu ponto de vista científico como “lingüística funcionalista”, e sua fama, entre outras coisas como fonólogo, correu o mundo.

Por vários anos, lecionou nos EUA (1946-1955). Então, era também diretor lingüístico da IALA, e escreveu várias contribuições à interlingüística (2, 3). Entretanto, abandonou a associação antes que ela, sob a direção de Gode, publicasse o projeto Interlingua. Desde então, silenciou, por um longo tempo, sobre a questão da língua planejada: por tal razão, a presente entrevista, que ele consentiu em 1987, é particularmente importante. Apenas três vezes até a sua atual história, o Congresso Internacional de Lingüistas se referiu à questão da língua planejada: pela primeira vez, em 1931, com um relatório de Otto Jespersen (1); pela segunda vez, em 1949, com um relatório de André Martinet; pela terceira vez, em 1987, com uma discussão no pódio iniciada por Detlev Blanke (6).

Eu absolutamente não sabia do que se tratava a lingüística quando, em novembro de 1974, assisti pela primeira vez a um curso de André Martinet: assim como ao Esperanto, àquele curso eu fui por mera curiosidade. Mas ele rapidamente me entusiasmou com sua honesta abordagem à realidade lingüística, com seus princípios básicos (entre outros, o de que “a língua muda porque ela funciona”). Ele não apenas concordou em orientar minha tese de doutorado (4) sobre a evolução do Esperanto (1977-1981), como também me propôs, em 1978, como secretário da associação SILF (*Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle*), fundada um pouco antes para dar à sua escola a possibilidade de continuar a viver e se exprimir livremente através de colóquios e publicações.

Após discussões com Detlev Blanke, aproveitei o centenário do Esperanto para pedir a André Martinet uma entrevista sobre esta língua: a 17 de novembro de 1987, ele nos

recebeu em sua residência e de bom grado respondeu às nossas perguntas. A elaboração da entrevista durou alguns anos, mas ela se mostrou um documento fundamental, uma clara apresentação da opinião sobre o Esperanto de um dos mais eminentes lingüistas de nosso século; por isto, após a publicação do texto original francês (10), convinha traduzi-lo para outras línguas, dentre outras, para o Esperanto: Michel Duc Goninaz o fez. A André Martinet, que muito gentilmente nos recepcionou para a presente entrevista e colaborou na edição final do texto, e a todos aqueles que contribuíram nesta publicação, rendo meu muito sincero agradecimento.

François Lo Jacomo

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Jespersen, Otto. 1933. Report of Prof. O. Jespersen: First part (pp. 94-96), Second part (pp. 98-102), Réponses reçues (p. 77). In: *Actes du deuxième congrès international des linguistes, Genève, 25-26 août 1931*.
2. Martinet, André. 1946. La linguistique et les langues artificielles. In: *Word*, 2, n.º 1, pp. 37-47.
3. Martinet, André. 1949. Rapport préliminaire sur la possibilité et l'opportunité d'une langue auxiliaire internationale (pp. 93-112), Rapport sur l'état des travaux relatifs à la constitution d'une langue internationale auxiliaire (pp. 586-592). In: *Actes du sixième congrès international des linguistes*. Paris: Klincksieck.
4. Lo Jacomo, François. 1981. *Liberté ou autorité dans l'évolution de l'espéranto*. Dissertação de doutorado sob a orientação de André Martinet. Paris/Pisa: Edistudio.
5. Blanke, Detlev. 1985. *Internationale Plansprachen. Eine Einführung*. Berlin: Akademie-Verlag.
6. Blanke, Detlev, Sergej Kuznecov e Ronald Löttsch. 1990. Rundtisch/Round Table 13. Interlinguistik/Plansprachen. In: W. Bahner, J. Schildt e D. Viehweger (org.), *Proceedings of the Fourteenth International Congress of Linguistics, Berlin/DDR, 10-15 August 1987*. Berlin: Akademie Verlag, pp. 329-331.
7. Walter, Henriette e Gérard. 1988. *Bibliographie d'André Martinet et comptes rendus de ses oeuvres*. Louvain/Paris: Peeters. As obras básicas de André Martinet são: *Economie des changements phonétiques* (Berne, 1955) e *Eléments de linguistique générale* (Paris, 1960). Ambas estão traduzidas em muitas línguas.
8. Martinet, André. 1989. The proof of the pudding... Introductory note. In: K. Schubert (org.), *Interlinguistics: Aspects of the Science of Planned Languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 3-5.
9. Martinet, André. 1991. En droite ligne. In: H.-M. Gauger e W. Pöcki (org.), *Wege in der Sprachwissenschaft, 44 autobiographische Berichte*. Tübingen: Narr, pp. 155-160.
10. Martinet, André. 1991. Sur quelques questions d'interlinguistique. Une interview de François Lo Jacomo et Detlev Blanke. In: *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 44, pp. 675-678.

ENTREVISTA COM ANDRÉ MARTINET por François Lo Jacomo e Detlev Blanke¹

¹ A entrevista foi realizada a 17 de novembro de 1987 na residência de então de A. Martinet, em Sceaux, França. As perguntas, elaboradas por François Lo Jacomo e Detlev Blanke, foram feitas por Lo Jacomo, que,

André Martinet, o ano de 1987, centenário do Esperanto, é também o quinquagésimo aniversário da defesa de sua tese de doutorado. O sr. contribuiu significativamente para que a ciência da linguagem fosse reconhecida como uma disciplina universitária de pleno direito, e sua fama não se limitou à França: o sr., de fato, lecionou nos EUA, e suas obras, sobretudo *Elementos de Lingüística Geral* (1960), foram traduzidas para cerca de quinze línguas e são usadas em todo o mundo na iniciação dos futuros lingüistas.

Os métodos estruturais da descrição fonológica, ensinados pelo Círculo de Praga, serviram como ponto de partida para a sua abordagem “funcionalista” aos fatos lingüísticos: como defensor da “lingüística das línguas”, o sr. se recusa o direito de reduzir a realidade lingüística a um modelo teórico *a priori*; pelo contrário, o sr. se empenha em extrair desta realidade todos os elementos realmente pertinentes do ato de comunicação.

Desde sua infância, tocou-o o problema da língua auxiliar internacional, ao que o sr. contribuiu várias vezes, tendo até mesmo dirigido, após a Segunda Guerra, os trabalhos da IALA², com vistas à criação de um idioma, que, melhor que o Esperanto, correspondesse às exigências da comunicação internacional. Mas em 1949, o sr. abandonou aquela associação, julgando que ela não dispunha do poder financeiro necessário para promover tal projeto.

Como membro do Comitê de Honra do Jubileu Centenário do Esperanto, o sr. fez, a 16 de dezembro de 1986, na sede da Unesco, uma alocução em que precisou sua própria experiência e seu ponto de vista a respeito do Esperanto³. Para responder mais integralmente à curiosidade de muitos esperantistas, queira permitir-nos levantar mais algumas questões sobre este tema:

Seus primeiros contatos com o Ido⁴, versão alterada do Esperanto, e, mais geralmente, seu interesse pelo problema da língua auxiliar internacional, influíram sua carreira de lingüista? Em linhas gerais, será que o interesse que se tem pelo Esperanto e o interesse pelas línguas naturais estão de alguma forma ligados? Se sim, como o sr. explica esta ligação?

Martinet: Sem dúvida, meu contato, na verdade muito superficial, com o Ido, foi muito importante para o meu posterior pensamento lingüístico, uma vez que ele me possibilitou tomar consciência de que as complicações morfológicas não criam as riquezas de uma língua. A língua francesa nada perderia, se, em vez de se dizer *je vais, tu vas, nous allons, nous irons*, se dissesse *j'alle, tu alles, nous allons, nous allerons*: seria mais simples para todos. Conseqüentemente, o contato com uma língua como o Ido logo me convenceu de que existe algo essencial na língua: sua *estrutura*, quer fonológica quer gramatical – não importa – e de que todas essas complicações morfológicas, impostas pela tradição, são inúteis e apenas tornam mais difícil a comunicação entre as pessoas que utilizam a língua.

de acordo com o passar da entrevista, as modificou e detalhou.

² *International Auxiliary Language Association* (IALA, 1924-1953) tinha o objetivo de pesquisar cientificamente o problema da língua internacional. Cf. Blanke, *Internationale Plansprachen*. Berlin: Akademie-Verlag, 1985, p. 167-183.

³ Intervenção de A. Martinet em *Revue française d'esperanto* 5/1988 (379), p. 62-64.

⁴ O Ido é um projeto de reforma do Esperanto, publicado em 1907 por Louis Couturat e Louis de Beaufront. Cf. Blanke, op. cit., p. 183-201; E. Drezen, *Historio de la mondolingvo* (4ª ed., red. S. Kuznecov), Moskvo: Progreso, 1991, p. 278-288.

O que o sr. acha da atual situação e das tendências evolutivas da comunicação lingüística internacional? A existência de algumas línguas hegemônicas continuará ou isso mudará?

Martinet: Hoje está claramente visível em que rumo isto pode mudar. É evidente que, hoje, um vento propício impulsiona a língua inglesa. Enquanto a situação mundial estiver tal qual ela está, acho que o inglês permanecerá a língua em que pensam as pessoas logo que elas planejam contatos internacionais.

E o que o sr. acha do bilingüismo anglo-hispânico que está se formando nos EUA.

Martinet: O caso da língua espanhola nos EUA é muito interessante porque ele é sintomático do que são os EUA, a saber: são um país onde o imperialismo lingüístico é uma realidade, uma evidência, e não um ponto de vista. Os americanos não têm consciência de que eles são lingüisticamente imperialistas: acham simplesmente, com ingenuidade, que o mundo se exprime na língua inglesa. Mas a partir do momento em que eles descobrem a existência de outros recursos de expressão, com que eles deparam todos os dias, estão prontos a reconsiderar o problema.

Quando eu cheguei em Nova Iorque, ninguém falava nas ruas, como na 5ª Avenida, no centro de Manhattan, língua outra que a inglesa. Não se podia ouvir uma língua estrangeira, a não ser, às vezes, o francês.

Os porto-riquenhos mudaram isto: eles são meros americanos que não adotaram de **bom grado** os EUA, que não se empenham em se assimilar da maneira mais rápida possível, e que, conseqüentemente, falam sua língua espanhola aberta e publicamente. Então, em 1971, quando eu passei toda a primavera nos EUA, o clima era totalmente outro que aquele que eu vivenciei em 1946: o espanhol tinha se tornado uma das línguas oficialmente adotadas. Isto prova que não existe nos EUA um imperialismo realmente consciente.

Será que o futuro das línguas está nas mãos das potências políticas ou econômicas, ou será que ele não é de nenhum modo controlável? Os lingüistas que se interessam, por exemplo, pelas línguas ameaçadas de extinção, podem de alguma maneira intervir? Pode-se escutá-los de mais boa vontade do que aos esperantistas?

Martinet: O futuro de uma língua depende, sobretudo, dos recursos de que se dispõe para defendê-la. Tomemos como exemplo a língua basca que está, de fato, adquirindo um papel de língua de comunicação geral. Participei, em setembro de 1987, de um congresso em San Sebastián, no qual a metade dos relatórios estava em língua basca. A idéia deste congresso, orientado às questões lingüísticas no começo, mas seguido por outros congressos consagrados a todos os objetos científicos, consistia, evidentemente, na demonstração de que a língua basca é utilizável em todas as circunstâncias da vida, não apenas na vida diária, mas também como língua científica. Ora, os bascos têm, agora, um governo que possui os recursos necessários para fazer vencer sua ideologia.

A propósito, a única universidade catalã em que a língua catalã não é ensinada é a universidade de Perpignan. O sr. acha que se deve se esforçar em conseguir que o catalão seja ensinado em Perpignan?

Martinet: Lógico, absolutamente!

As pessoas que se empenham no ensino da língua catalã em Perpignan desenvolvem uma atividade essencialmente diversa daqueles que se empenham no ensino do Esperanto em algumas universidades?

Martinet: Não. Considerando-se que o Esperanto é uma língua falada e usada – mesmo se ela é praticamente usada apenas por bilingües –, acho que ela tem o direito dos mesmos privilégios que se dariam, por exemplo, ao catalão em Perpignan. O não-ensino da

língua catalã em Perpignan é um **mexerico inconsciente** contra esta língua por parte das autoridades francesas. Isto é válido também para a língua basca no País Basco francês. Eu me interesso, por exemplo, pela associação Diwan da Bretanha, que se esforça em reavivar a língua bretã. Este esforço é desesperado, mas interessante, e eu pessoalmente apóio, conforme a possibilidade de minha influência nesta questão, a associação Diwan.

Existe, em sua opinião, um problema de comunicação internacional?

Martinet: Evidentemente existe um problema. Em tudo existem problemas, portanto também na comunicação internacional, mesmo se apenas por ela ser bastante insuficiente e imperfeita.

O sr. acha que existe uma solução para este problema?

Martinet: Você provavelmente acha que o Esperanto é a solução deste problema, mas ainda que tal idéia seja teoricamente concebível, a observação dos fatos não a confirma: atualmente, a língua inglesa tende a ser a solução, mesmo que seja verdade que ela possa ser apenas uma solução falha, no sentido de que ela conferirá às pessoas que são capazes de usá-la mais poder em detrimento daqueles que a usam com menos habilidade. Em 1932, eu passei um ano em Berlim e, perto do final de minha permanência, uma associação de pessoas muito distintas pediu-me que eu apresentasse minha opinião sobre a situação internacional. Eu tinha o direito de escolher entre as línguas alemã e inglesa. Àquela época, eu falava alemão com muita fluência, mas escolhi o inglês, simplesmente porque pensei: “assim eu me encontrarei em igualdade com meu público. Para eles, bem como para mim, ela é uma outra língua.”

A língua inglesa e o Esperanto são duas versões mais ou menos perfeitas “da” solução, ou eles de fato correspondem a dois pontos de vista diferentes sobre o problema?

Martinet: A vantagem da solução do tipo “Esperanto” é a igualdade dos participantes. Mesmo se alguém fala o Esperanto muito bem, e o outro **não tão bem** (as diferenças entre “bem” e “**não tão bem**” são, entretanto, menos importantes em Esperanto do que o seriam em qualquer língua nacional), eles sentem que estão em pé de igualdade, porque nenhum deles fala sua língua materna. Aliás, isto desapareceria a partir do momento em que o Esperanto se tornasse a primeira língua de algumas pessoas – embora, de fato, existam crianças que aprenderam o Esperanto como primeira língua...

... até mesmo adultos...

Martinet: De acordo, mas seria necessário examinar se esta primeira língua se conserva bem. Durante minha experiência de lingüista, constatei o desaparecimento de algumas línguas maternas: na América, muitíssimas pessoas que aprenderam o polonês como primeira língua não são mais capazes de falá-lo na idade de dez anos.

*O ano de 1987 é também o aniversário milenar da coroação de Hugo Capeto e, até certo ponto, o aniversário milenar da França. O sr. acha que os conceitos **língua, nação e estado** estão necessariamente ligados, e que sentido o sr. atribui à expressão **língua internacional**?*

Martinet: Sim, eles estão em grande parte ligados. Mesmo no caso totalmente particular e favorável da Suíça, apesar da diversidade lingüística, a desarmonia cultural incomoda constantemente o desejo dos suíços de viverem juntos. E veja como as pessoas reagem ao inglês, acentuando entre a língua inglesa americana e a britânica a diferença, para mim arbitrária: para um homem prático como eu, isto se assemelha à afirmação de que em Marselha não se falaria a mesma língua do que em Paris.

A expressão “língua internacional” não tem sentido, e é preferível não usá-la, já que ela é ambígua. Influenciado pela terminologia da IALA, prefiro dizer “língua auxiliar

internacional”⁵. Língua internacional não é nada mais que uma língua que se usa em contatos internacionais. Pode ser qualquer língua: o Esperanto, o alemão, o inglês, o russo e, por que não, o tcheco? É perfeitamente possível que existam pessoas, não-tchecos, que finalmente se comunicam em tcheco porque acham que a língua que elas melhor falam, além de suas línguas nacionais, é a tcheca.

O que o sr. acha da idéia de uma língua criada conscientemente para que sirva de instrumento de comunicação mais democrático?

Martinet: Em princípio, concordo plenamente com isso e conheço a argumentação. Logo em meu primeiro contato com uma língua criada com este objetivo, passei a compreender a questão como um ideal democrático, visando a colocar os homens em pé de igualdade. Entretanto, percebi este mesmo ideal democrático primeiramente na língua inglesa: encontrando-me na Alemanha, como um jovem de treze anos que havia estudado a língua inglesa por dois anos nos quadros escolares, usei o inglês como língua de contato com muitos alemães e senti, nestas relações em língua inglesa com alemães, a vantagem de estar neste pé de igualdade quando não se usa a sua própria língua.

Aliás, na Bélgica, algumas pessoas sugeriram o uso da língua inglesa para solucionar o problema lingüístico.

Martinet: Efetivamente, nas regiões de fala flamenga as pessoas tendem a usar a língua inglesa, até mesmo quando sabem o francês. Quando, em Zeebrugge, falei em francês com minha esposa, os funcionários públicos presentes, que, com toda a evidência, podiam falar francês, abordaram-nos na língua inglesa, por princípio. E cada vez mais existem belgas que não falam francês.

Mas esta idéia do uso da língua inglesa na Bélgica despertou protestos no Canadá.

Martinet: Para compreender as reações dos flamengos em questões lingüísticas, os franceses deveriam compará-las às reações dos francófonos de Québec: a língua holandesa em Flandres desempenha o papel do francês na província do Québec.

Para tocar o propósito da presente entrevista: o que o sr. acha do Esperanto, esta língua centenária? Como o sr. julga suas particularidades lingüísticas, suas possibilidades na comunicação, suas eventuais perspectivas?

Martinet: Inicialmente, repetirei apenas o que você disse depois de Meillet: o Esperanto funciona⁶. Digno de nota é que um idista como Auerbach⁷ pôde declarar, durante uma conversa que tivemos em Londres, em 1947: “Eu, idista, acho que o Esperanto funciona, e não estamos certos de que o ido funciona porque não tivemos a sorte de fazê-lo funcionar”. Julgo que o Ido, que pouco diferenciava do Esperanto, provavelmente poderia ter funcionado como este. As diferenças teriam se reduzido muito. Como a principal diferença é a maior flexibilidade do Esperanto em comparação com o Ido, esta flexibilidade teria se reestabelecido, se tivesse triunfado a forma idista do Esperanto. As possibilidades comunicativas do Esperanto são evidentes: afinal, são os falantes que fazem a língua; assim, se o Esperanto fosse universalmente adotado, ele se adaptaria às necessidades a que ele visa servir.

Ao contrário, no que respeita às perspectivas, sou muito céptico. Quando, em nome da IALA, tentei contatar os responsáveis da Unesco com a idéia de que, talvez, através

⁵ Sobre a terminologia parcialmente confusa, cf. Blanke, *The Term “Planned Language”* em *Language Problems & Language Planning* 11 (1987)3, p. 335-349.

⁶ “Toda discussão teórica é vã: o Esperanto funciona.” Antoine Meillet, *Les langues dans l’Europe nouvelle*, Paris, 1928, p. 278.

⁷ Siegfried Auerbach publicou, entre outros, o *Wörterbuch Deutsch-Ido* (Leipzig: Ido-Editerio, 1922, 188 p.). Sobre a atividade interlingüística de Auerbach, informa A. Matejka na revista de Interlingue *Cosmoglotta*, 50 (1971), no. 263, p. 27-29.

deles, se pudesse fazer progredir a causa, logo constatei que, de fato, por trás da afabilidade e das gentilezas, encontrava-se a barreira daqueles que pagam, subvencionam a Unesco, em primeiro lugar os EUA e a Inglaterra. “Nada se pode fazer contra a língua dos financiadores.” E os franceses, que consideravam também sua língua como internacional, reagiram do mesmo modo. A barreira da Unesco é, de fato, a barreira das grandes línguas, e este empecilho explica o meu pessimismo.

Em vista disso, existe no movimento esperantista esta oposição recíproca entre dois pontos de vista: tentar convencer os que decidem, como a Unesco, de que eles devem usar esta língua ⁸, ou simplesmente tentar fazer as pessoas comuns compreenderem que o Esperanto, hoje, já apresenta vantagens consideráveis.

Martinet: Se os que decidem realmente resolveram não incomodar o poder e a divulgação das línguas nacionais, a política a ser seguida consiste, evidentemente, na divulgação da língua entre os que a são favoráveis, para ampliar sua atividade. Como quer que seja, como o Esperanto sofre (com exceção, talvez, dos países orientais) a oposição das línguas nacionais que detêm o poder, inevitavelmente se enfrentará uma retenção, mesmo se ela não for explícita: não se faz propaganda antiesperanta, basta apenas favorecer a inércia.

Detlev Blanke vem da República Democrática Alemã, onde o Esperanto goza de uma posição relativamente privilegiada⁹. O sr. acha que esta diferença tem origem política ou lingüística?

Martinet: Política, naturalmente! Os países do Leste Europeu se opõem politicamente aos EUA, ou seja, à nação que representa a grande força da língua inglesa. Os russos compreendem sabiamente que é absolutamente impossível, na atualidade, impor a língua russa em âmbito mundial. Portanto, é bastante normal que no Leste Europeu as pessoas achem que a divulgação do Esperanto não contraria seus propósitos. Sou cínico, no sentido inglês desta palavra; isto significa que não escondo de mim as realidades. Se esta política favorável ao Esperanto tiver sucesso nos países do Leste Europeu, será que a evolução, para mim desejável, que de alguma maneira aproxima o Oriente e o Ocidente, favorecerá a consolidação, no Ocidente, das possibilidades do Esperanto ou, ao contrário, seu enfraquecimento no Oriente?

Na sua opinião, como deveria ser a estrutura de uma língua conscientemente criada?

Martinet: Depende de vários fatores: do que se quer fazer, do público, do que se quer se ocupar, da maneira de lançar a língua. É evidente que, se a língua está destinada a alguns milhões de pessoas, é necessário, para ser democrático, ir mais longe na pesquisa do que se foi até agora.

O Esperanto e outras línguas, que podem ser consideradas como eventuais concorrentes do Esperanto, são línguas européias, no sentido cultural desta palavra: quis-se tomar o denominador comum, se não das línguas européias, ao menos do vocabulário cultural europeu. Isto dá privilégios às línguas neolatinas ou de tipo latino, uma vez que o latim foi considerado, durante séculos, como a língua internacional do Ocidente. Isto é válido para o Esperanto, apesar dos esforços de seu criador, que quis, na medida do possível, se livrar de estruturas européias, ou seja, conseguir uma língua – isolante ou

⁸ Em preparação ao centenário do Esperanto (1987), a UNESCO aceitou, no entanto, em 1985, a resolução 23 C/Res. 11.11., apreciando, entre outras coisas, “as grandes possibilidades que o Esperanto apresenta para a compreensão internacional e a comunicação entre os povos de diferentes nacionalidades”.

⁹ De 1965 a 1990, os adeptos do Esperanto da República Democrática Alemã estiveram organizados em torno da Associação Esperantista da Liga Cultural da RDA: cf. Blanke, *Skizo de la historio de GDREA*, em *der Esperantist* 26 (1990)6 (164), p. 121-137.

aglutinante, não importa – estruturalmente diversa das línguas indo-européias da Europa. Mas já a idéia de que se deve automaticamente contrastar o verbo, o substantivo, o adjetivo etc. é uma noção européia. A situação seria muito diferente, se a língua fosse criada por um japonês. Entretanto, o Esperanto, muito mais que seus concorrentes, se esforçou em se distanciar de estruturas européias, mas, apesar disto, não se livrou realmente delas. Tudo isto não é necessariamente um mal, pela importância da cultura européia na unificação do mundo atual. Pode-se dizer, no final das contas, que o Esperanto percorreu o caminho correto.

Que importância o sr. atribui à estrutura lingüística de uma língua em relação a sua possível divulgação?

Martinet: A estrutura de uma língua é algo de primeira ordem, cuja importância e complexidade não se deve subestimar. Por exemplo, não se pode conceber uma língua em que todas as unidades significativas sejam, como teoricamente pretendo em Esperanto, infinitamente combináveis. Esta idéia de Zamenhof – de decidir que “todos os monemas são de igual direito ou automaticamente combináveis” – é sagaz, engraçada, mas é mesmo de se conjecturar que, na prática, isto funciona de outro modo. É preciso confiar no funcionamento da língua: a estrutura de uma língua planejada não se restringe às diretivas inicialmente definidas, porque, afinal, são os falantes que fazem a língua.

Entretanto, é necessário saber que a divulgação de uma língua quase não depende de suas qualidades lingüísticas: do ponto de vista da divulgação, o Volapük¹⁰, com suas grandes falhas, suas dificuldades, poderia ter servido. Eu, como lingüista, sou muito favorável ao dinamismo; sei o quanto uma língua evolui, muda, se modifica, se adapta às necessidades de seus falantes: portanto, não posso crer que têm vital importância as qualidades lingüísticas da língua considerada. O que mais importa são, naturalmente, as autoridades e os poderes que estão por trás da língua.

Se se permanece no ponto de vista puramente lingüístico, o que importa é a primeira impressão que causa a língua. Como ela é capaz de se adaptar às necessidades, o principal é que ela não espante, mas, ao contrário, atraia as pessoas. Lógico, é necessário explicitar que tipo de pessoa se deva atrair.

A questão da estrutura de uma língua ideal ou de uma possível melhoria no Esperanto é ainda atual?

Martinet: Não, e isto se liga ao que eu já disse: a língua deve se adaptar. Certamente, lastimo algumas características do Esperanto, que foram referidas muito mais cedo do que eu o fiz: as letras com chapéu, as terminações *-aj*, *-oj* e outras que não são atraentes e espantam as pessoas. O acordo do adjetivo é algo absolutamente absurdo! São tais detalhes, dos quais Zamenhof, de alguma forma inconscientemente, conservou as complicações que caracterizam certas línguas indo-européias em certo momento de sua evolução e que, para mim, são bastante lastimáveis: o exemplo da língua inglesa mostra-nos o quanto se liberta uma língua, abandonando o acordo do adjetivo, o que acompanha a eliminação da distinção entre os gêneros.

Entretanto, apesar de algumas tentativas que conduziram à criação do Ido, os esperantistas nunca quiseram reexaminar estas inúteis complicações. O bloqueio ao Ido resulta do seguinte temor: “Atenção, se começamos aceitar desvios, abrem-se as portas da desordem.” Acho que isto é um erro, uma vez que a língua usada está aberta: a divergência

¹⁰ Volapük (*vol*= mundo, *pük* = língua): língua planificada relativamente difundida ao final do século XIX, publicada em 1879 por Johann Martin Schleyer. Cf. Blanke, *Internationale Plansprachen*, p. 202-218; Drezen, op. cit., p. 167-182.

caracteriza as línguas que não são usadas; logo que uma língua passa efetivamente a ser usada, estabelece-se a convergência.

O sr. acha que a inimizade de um indivíduo contra o Esperanto tem como motivos argumentos racionais (p. ex., com relação à estrutura lingüística) ou obstáculos psicológicos contra a idéia mesma de uma língua universal?

Martinet: Tal inimizade só pode ser psicológica. Ela consiste na resistência contra o caráter “artificial” da língua. Evidentemente, isto não é válido para lingüistas que sabem muito bem que as línguas são bastante artificiais: as pessoas as fabricam, eu mesmo criei palavras na língua francesa. O hebraico, o atual irlandês, a língua estoniana foram fabricados, mas o público não está necessariamente informado sobre estes fatos, e ele sente uma certa repugnância pelo que não é “natural”.

Acrescenta-se a isto o sentimento, talvez inconsciente, de que estas línguas poderiam substituir ou eliminar a língua pátria. Vê-se nisto um ataque contra a integridade do indivíduo, e esta é certamente a questão principal. Quando você diz: “inglês”, “alemão”, “espanhol”, as pessoas pensam: “Estou abrindo as portas de algo existente”. Se você diz: “Esperanto”, elas se perguntam: “Esperanto, para que serve?”

Isto me lembra a opinião de Emmanuel Companys, segundo a qual, na presente época, o conhecimento da língua inglesa não abre nenhuma porta, mas seu não-conhecimento fecha todas as portas.

Martinet: Está completamente correto. É evidente que agora, no mundo atual, é necessário aprender o inglês. Contra isto os esperantistas nada podem fazer. Tenho, neste caso, um sentimento de impotência ante a realidade, e a fórmula de Emmanuel Companys é bastante engraçada e muito correta.

O sr. disse que ao lingüista não deveria chocar a expressão “língua artificial”. Entretanto, existem mesmo lingüistas para os quais o fato de o Esperanto ser construído, não originado de uma cultura milenar, é algo em princípio chocante?

Martinet: Eles não são lingüistas, ou melhor: eles se chocam não como lingüistas. Como lingüistas informados, eles deveriam saber que o Esperanto funciona, como disse clara e explicitamente Meillet; em conseqüência, não se deveria objetar contra ele. Ora, entretanto, entre os lingüistas há pessoas de todo tipo: se se considerar que os filólogos são lingüistas, eles se encontram em uma posição inadequada para julgar este problema, já que o que os interessam como filólogos são justamente todas as complicações que as línguas nacionais apresentam, diversamente de uma língua como o Esperanto. É natural que eles tenham uma certa hostilidade **por** uma língua da qual a filologia não tem nada a dizer.

Que o Esperanto teve mais sucesso que outros projetos de língua universal se deve ao fato de ele ter nascido num momento favorável, em 1887? Ou que sua estrutura lingüística supera a dos projetos concorrentes? Ou que os esperantistas levantam o problema da comunicação internacional de uma maneira satisfatória para aqueles que se sentem tocados por este problema? Ou será que por existir alguma harmonia entre a estrutura lingüística do Esperanto e sua idéia interna ¹¹?

Martinet: No momento em que o Esperanto apareceu, a conjuntura era favorável. Sem qualquer dúvida, sua estrutura lingüística era superior à do Volapük. Mas se se compara o Esperanto com projetos posteriores, como o Idiom Neutral¹², é necessário ter em

¹¹ Idéia Interna: a *idéia interna* é o ideal pacifista e humanitário que subjaz ao Esperanto desde o seu nascimento, sendo geralmente considerado como inerente à língua (N.T.).

¹² Idiom Neutral: língua planificada apresentada em 1898 por Woldemar Rosenberger. Cf. Woldemar Rosenberger, *Wörterbuch der Neutralsprache [Idiom Neutral], Neutral-Deutsch und Deutsch-Neutral*, Leipzig: E. Haberland, 1902, 320 p.

conta o lançamento do Esperanto: quando estes projetos apareceram, o Esperanto já atraía o interesse e tinha a vantagem de já existir. O caso do Ido é de certa forma particular, já que ele é de fato um Esperanto reformado, que conservou o que é bom e se esforçou em tirar tudo o que pudesse ser, aparentemente, melhorado.

Com relação à idéia interna, ora, evidentemente o Esperanto foi criado por um homem definido, em circunstâncias definidas, com uma idéia definida. De fato, o plurilingüismo geral de Bialistoque levou Zamenhof a tal concepção de sua língua. Se você tenta ver de onde provêm as características do Esperanto, você constata que o *-a* genitivo-adjetival vem das línguas eslavas. O acusativo não seria conservado, se a língua fosse fabricada por um ocidental, já que ele é uma das principais dificuldades para muitos: aquele ocidental teria confiado no contexto e na relação entre a posição dos elementos. O acusativo é uma grave dificuldade para os franceses que estudam o alemão, e é engraçado constatar que na língua alemã o acusativo é marcado apenas em um de seis casos: no masculino singular. Ele não existe nem no plural, nem no feminino singular, nem no neutro singular, e isto mostra que ele não é útil de forma alguma, já que não se pode confiar nele.

O sr. poderia dar sua opinião das atividades da IALA durante a última fase desta, quando o sr. nela trabalhou como diretor lingüístico?

Martinet: Acho que esta questão está muito bem resumida na obra de Detlev Blanke¹³. Devo dizer, mais corretamente, que quando eu fui para a IALA, existia uma equipe bastante ampla sob a direção de Gode¹⁴; ela consistia de lingüistas de origem alemã que tinham como princípio que a extração de uma língua auxiliar conduziria à elaboração de uma língua neolatina, de um latim comum do século V. Para dar um caráter científico a esta atividade, aqueles filólogos-neolatinistas se empenharam em voltar ao passado até o momento em que se pudesse encontrar uma forma idêntica para as línguas italiana, espanhola, portuguesa, francesa e romena. Sua idéia, de fato, consistia nisso: destruir a hegemonia **franco-inglesa** em proveito das línguas neolatinas do sul, pois aqueles

¹³ Martinet se refere ao já citado *Internationale Planschprachen* de Blanke (p. 167-183).

¹⁴ O romanista Alexander Gode, diretor da IALA de 1943 a 1946 e de 1948 a 1953, é considerado o autor da *Interlingua*, publicada em 1951. Cf. Blanke, *Internationale Planschprachen*, p. 174-184.

que mais cedo criaram línguas tais como Occidental¹⁵, Novial¹⁶ pensavam naturalmente demais: “Se uma palavra existe em francês e em inglês, ela é infalivelmente um bom candidato.”

Quando eu cheguei, passei a estudar o problema de uma ponto de vista um tanto diverso. O ponto de vista tradicional dos naturalistas¹⁷, conforme a linha de Edgar de Wahl, criador do Occidental, consistia em que se combinasse uma estrutura simples com uma máxima internacionalidade. O que fazer com *rediger-rédaction*?¹⁸ Eis os problemas centrais nos quais se trabalhava. Poucas pessoas sabem que no momento em que eu me retirei, Gode estava imediatamente para fazer o mesmo. Vendo minha partida como uma possibilidade de fazer triunfar seu ponto de vista, ele desistiu de sua demissão. Se eu tivesse me retirado dois meses depois, a situação teria, ao que parece, completamente mudado.

As causas de minha demissão estão bem esclarecidas. Eu tinha me interessado pela IALA porque acreditei que por trás daquela questão estivesse algum poder financeiro, e que com uma pressão muito forte, que exigisse importantes recursos no terreno editorial, talvez se pudesse vencer a indiferença pública. A partir do momento em que eu soube, do filho da sra. Morris¹⁹, que após o falecimento desta, a questão duraria no máximo mais um ano até a completa liquidação, e sabendo que o estado de saúde da sra. Morris cada vez mais se deteriorava, e que ela imediatamente morreria, pensei que não valia a pena continuar. O dinheiro que não veio diretamente da sra. Morris veio de pessoas que estimavam “aquela simpática Alice”: após sua morte, aquelas pessoas não fariam absolutamente nada.

Do ponto de vista lingüístico, como o sr. julga o sistema Interlingua, que Gode propôs?

Martinet: Nesta linha “naturalista”, prefiro um naturalismo muito naturalista, como *Latino sine flexione*²⁰, com regras mais ou menos facilmente aplicáveis, que eliminam as complicações morfológicas do latim. Não há uma forma muito diversa, e logo se tem, dos textos existentes, uma norma utilizável. Como ainda existem latinistas no mundo, no tempo em que Peano o propôs tratava-se de uma solução interessante.

O sr. sabe do último congresso de Interlingua, que ocorreu em agosto de 1987 a alguns quilômetros daqui, na École Centrale de Châtenay-Malabry²¹?

Martinet: Não, absolutamente não sabia dele. Sabe-se que eu não sou muito favorável a isto. Não acho que existia inimizade entre mim e Gode, só que seu grupo era

¹⁵ O Occidental foi publicado em 1922 por Edgar de Wahl e recebeu, em 1947, o novo nome de Interlingue (não se confunda com Interlingua). Cf. Blanke, *Internationale Plansprachen*, p. 161-167; Drenzen, op. cit., p. 311-313.

¹⁶ Novial (NOV International Auxiliari Lingue) foi apresentada por Otto Jespersen. Cf. Jespersen, *Eine Internationale Sprache*, Heidelberg: Winter 1928, 148 p. (em inglês: *An International Language*, London: Allen & Unwin, 1928).

¹⁷ Naturalistas, na terminologia interlingüística, são os adeptos da opinião de que uma língua planificada deve ser o mais semelhante possível a uma certa família lingüística existente (geralmente, a latina), a fim de parecer o mais “natural” possível. Os adeptos do Esperanto e do Ido pertencem à escola interlingüística “autônoma” ou “esquemista”, que privilegia os aspectos funcionais sobre os “naturais”.

¹⁸ As palavras francesas “redigir” e “redação” são exemplos de um dos freqüentes casos nos quais, para uma maior internacionalidade, os projetos naturalistas renunciam a formar palavras de significado semelhante com a mesma raiz.

¹⁹ A senhora Alice V. Morris foi mecenas da IALA.

²⁰ *Latino sine flexione*: língua planejada proposta em 1900 por Giuseppe Peano. Cf. Blanke, *Internationale Plansprachen*, p. 143-145.

²¹ A *Union Mundial pro Interlingua* (UMI) tem, em todo o mundo, entre 200 e 300 membros e organiza a cada dois anos um encontro internacional do qual participam cerca de 30-40 pessoas. O último (o décimo quarto) ocorreu em 1999 na cidade romena de Focsani (N.T.).

uma unidade muito autônoma. Embora eu fosse “diretor”, eu tinha poucos colaboradores próximos.

Se o sr. estivesse informado sobre este congresso e pudesse ficar livre àquela data, o sr. o visitaria?

Martinet: Seria interessante para mim ver como estão aquelas pessoas. Elas, aliás, tentaram aplicar minha política de divulgação, que eu mesmo sugeri, isto é, demonstrar que a língua é utilizável em resenhas e em divulgação de trabalhos escritos. Ela é uma língua que evidentemente visava mais precisamente o uso escrito, muito mais que o oral. Eu esperava que se dispusesse de muito dinheiro para muito publicar na língua internacional da IALA²²: muito, mas não qualquer coisa e não necessariamente literatura. Eu tencionava publicar sobretudo artigos científicos e ter a possibilidade de dizer àqueles que usassem as línguas pequenas, como o tcheco, o romeno etc. que nós estávamos à disposição deles para traduzir para a língua internacional os textos que eles desejassem publicar.

Por fim, expressarei algumas idéias – algumas das quais eu mesmo redigi, outras eu apanhei de livros que li – e lhe perguntarei se algumas destas idéias despertam sua reação.

1. *“Os inventores de línguas são, de uma maneira ou de outra, e em diversos níveis de consciência e exaltação, rebeldes que escolheram como objetivo de sua revolta a tirania da convenção social imposta pelo sistema da língua, que condiciona a integração mesma ao grupo”*²³.

Martinet: Sejam claros. Como lingüista, eu, durante toda a minha vida, inventei línguas. Quer se trate de sistema fonológico, quer de gramática, eu sempre me diverti com a fabricação de línguas, pois isto é minha profissão e as estruturas lingüísticas me interessam. Mas sou, evidentemente, um caso à parte. Tenho para mim que os esperantistas são recrutados sobretudo entre pessoas que experimentam uma certa insatisfação ante a situação do mundo tal como ele está.

2. *O Esperanto atrai pessoas que têm problemas de comunicação.*

Martinet: Não só de comunicação; isto pode estar em um nível mais íntimo. Pode-se sentir interiormente acometido pela necessidade de que todos os homens se intercompreendam. Pode-se ter sobre os fatos uma concepção idealista que não se baseia em malogros ou conflitos lingüísticos. Acho que existem muitíssimas pessoas que são esperantistas, embora elas não tenham sentido tais conflitos e que ainda não sentiram uma necessidade imperiosa de uma língua de contato.

3. *Como toda língua, o Esperanto evolui, uma vez que ele funciona, e até mesmo as regras formuladas por seu criador ou registradas em um manual não poderiam entrar esta evolução.*

Martinet: Sem dúvida, como mostrou brilhantemente François Lo Jacomo²⁴. Mas isto é evidente. Até mesmo há trinta anos eu sabia disso.

Nem todos os esperantistas concordam com este ponto.

Martinet: Eles são ingênuos.

4. *“A função que se pode esperar de uma língua artificial internacional está, atualmente, sendo realizada pelo inglês americano”*²⁵

²² Trata-se da Interlingua, considerada obra mais de Gode que da IALA.

²³ Esta frase é do lingüista francês Claude Hagège.

²⁴ François Lo Jacomo, em 1981, defendeu com A. Martinet sua tese de doutorado (“thèse pour le doctorat de troisième cycle”), com o título *Liberté ou autorité dans l'évolution de l'espéranto* (384p.).

²⁵ Claude Hagège em *L'homme des paroles*.

Martinet: Não, porque se podia esperar de uma língua artificial que ela concedesse igualdade entre os participantes, e tal igualdade não é garantida pelo inglês americano. Entretanto, a língua inglesa não é um problema para mim, e eu estou menos propenso a aprender e praticar uma língua como o Esperanto, já que praticamente falo o inglês como o francês. Aliás, a expressão “inglês americano” parece-me incorreta: trata-se do inglês, simplesmente.

Mas alguns lingüistas – não necessariamente favoráveis ao Esperanto – opinam que não é o inglês literário que desempenha este papel, mas uma forma relativamente artificial do inglês a que eles chamam inglês americano.

Martinet: Não, eu não concordo. A língua que se impõe é uma espécie de língua inglesa, de boa língua inglesa, que tem variações. Na aviação, geralmente reina a dos EUA, na maior parte das outras circunstâncias o inglês britânico permanece favorecido. Até mesmo no Japão, por exemplo, o inglês britânico é completamente de pleno direito, o que é estranho quando se constata o rumo da evolução.

5. Mesmo se nem todos precisam do Esperanto, o fato de algumas pessoas, qualquer que seja seu número, encontrarem nele uma certa satisfação, basta para justificar sua existência.

Martinet: Absolutamente correto. Está bem claro que o desaparecimento do Esperanto seria, na minha opinião, uma perda para as pessoas que o usam, mas também para a civilização em geral. Esta combinação de fato lingüístico com fato psicológico – num sentido bastante vasto desta palavra – é um interessante elemento no mundo atual, e seria lastimável se isto desaparecesse.

6. O direito de comunicação está infalivelmente ligado com o direito de diferença.

Martinet: Bem formulado. Mas a vantagem das línguas consiste em que sua prática faz resultar uma convergência: quando existe contato, não há divergência. Citarei um exemplo interessante da terminologia ferroviária. A ferrovia, nascida na Inglaterra, se desenvolveu independentemente na Inglaterra e nos EUA, e toda a terminologia é diversa: “passagem de ida e volta, ferrovia, dormente, locomotiva” etc., uma vez que, àquela época, não existiam contatos. Com a aviação, este fenômeno acabou: a terminologia está plenamente internacional; existem contatos e, portanto, é preciso falar a mesma língua.

Detlev Blanke chama a atenção de que já se observa, agora, entre a língua alemã falada na República Democrática Alemã e o alemão falado na Alemanha Federal, diferenças devidas à falta de contatos²⁶.

Martinet: Sim, certamente. Podia-se esperá-lo. Mas seria interessante dispor de um estudo detalhado sobre este problema. Será que, por exemplo, isto diz respeito a alguns pontos gramaticais?

7. Para realmente comunicar, não basta falar a mesma língua.

Martinet: Sim, realmente, mas isto facilita muito as coisas. É verdade que para intercompreender-se bem, é preciso atribuir às palavras da língua o mesmo sentido, e é evidente que falantes do francês, do alemão ou do inglês não atribuem o mesmo valor às mesmas palavras. Para comunicar, é preciso uma base comum. Mas esta base comum se adquire justamente com a prática de uma língua. Você não tem a impressão de que a prática do Esperanto já cria, agora, embora não exista uma nação esperantista, uma certa base comum que facilita os contatos além do simples uso da mesma língua? Entretanto, é verdade também que uma palavra é sempre marcada pelas circunstâncias nas quais você a aprendeu em sua língua materna.

²⁶ Trata-se de um mal-entendido: as diferenças estão no léxico, e devem-se mais aos diversos sistemas sociais que à falta de contatos.

8. *As más informações em torno do Esperanto fazem crer que ele é algo perigoso. Ao contrário, se já se estudou o Esperanto, sabe-se que os esperantistas têm idéias humanitárias, que, nas atuais circunstâncias, realmente não põem os estados em perigo.*

Martinet: Mas o Esperanto põe em perigo a sagração e a onipotência do estado! Não se deve admirar se em uma tenda facista se é hostil ao Esperanto²⁷.

Esperanto – sonho de ontem, língua de hoje, perspectiva de amanhã: é possível se interessar pelo Esperanto independentemente de seu passado e futuro? Que sentido se pode dar à afirmação: “O Esperanto fracassou”?

Martinet: Sonho de ontem? Sim. Língua de hoje? Sim. Perspectiva do amanhã? Por que não? Pode-se, sim, se interessar pelo Esperanto independentemente de seu passado e futuro: um lingüista pode estudá-lo como uma realidade não-dinâmica, embora eu pessoalmente sentiria a necessidade de observar como ele se transforma e como ele já se transformou.

Que sentido dar à afirmação “O Esperanto fracassou”? Ou melhor, ele venceu, mas com uma **infallível** limitação. Do ponto de vista do senso comum, o Esperanto é marcado como algo especial que deve satisfazer algum desejo. Ora, este desejo não é plenamente satisfeito. O sentimento que temos, no mundo atual, de que as fronteiras perderam importância, não pode atrair pessoas ao interesse pelo Esperanto mais do que antes? No entanto, esta evolução está ligada com o estabelecimento concomitante de uma língua nacional – o inglês – como língua internacional. Incessantemente reencontramos o mesmo problema. No entanto, o Esperanto não fracassou: em comparação com todas as outras línguas auxiliares internacionais, ele venceu.

O que o sr. acha da idéia de a Associação Mundial de Esperanto²⁸ se candidatar para o Prêmio Nobel da Paz?

Martinet: Lógico! Isto me parece absolutamente apropriado.

O sr. mesmo se prontificaria em propor a Associação Mundial do Esperanto como candidato para o Prêmio Nobel da Paz?

Martinet: Sim, naturalmente! Está mais do que claro que a adoção universal do Esperanto como língua internacional implicaria paz no mundo. Justamente isto é um obstáculo para o Esperanto: ainda não chegou o tempo em que as pessoas aceitariam a paz mundial.

Será que o sonho dos esperantistas são tão utópicos como o sonho dos pacifistas?

Martinet: Eles, realmente, se assemelham, de certa forma. Eu pessoalmente nunca encontrei esperantistas que não estivessem prontos a todos os sacrifícios, do ponto de vista nacional, para atingir a paz.

O sr. acha que se pode defender a idéia do Esperanto tão ardentemente como a idéia da paz mundial, ou o sr. vê diferença?

Martinet: A diferença, para mim, não é grande. Naturalmente, a manutenção da paz no mundo é algo muito mais importante, o que, portanto, interessa a muito mais gente que a divulgação do Esperanto, mas ambos os assuntos estão ligados e caminham na mesma direção.

Obrigado.

²⁷ Os esperantistas já foram duramente perseguidos até a eliminação física. Cf. Ulrich Lins, *La dangera lingvo: Studo pri la persekutoj kontraŭ Esperanto*, Gerlinger: Bleicher, 1988, 546 p. (ed. italiana: *La lingua pericolosa*, Piombino, Tracce Edizioni, 1990, 382 p.).

²⁸ A Associação Mundial de Esperanto é a organização mundial dos esperantistas, com membros em 117 países. Sediada em Rotterdam (Holanda), mantém relações oficiais com a ONU e a UNESCO, e consultivas com o ECOSOC, a UNICEF, a OEA e o Conselho da Europa (N.T.).